

COMPORTAMENTO DO MERCADO DE CEBOLA DURANTE 1961 E 1962

Eng.º Agr.º ARLINDO BORBA OLIVEIRA

A observação da variação que normalmente ocorre nos preços de cebola durante o ano, demonstra que êsse produto alcança seu preço *máximo* em agosto, caindo depois até dezembro quando alcança o *mínimo*; a partir de fevereiro começa novamente a ascensão dos preços com uma ligeira depressão em maio, normalmente ocasionada pela entrada do produto nordestino do Vale do São Francisco.

Nos dois últimos anos, em 1961 e 1962, constata-se que ocorrências havidas na produção da cebola, determinaram uma oscilação de preços, que difere em parte do que comumente se observa. Assim, verificamos pelo quadro anexo, sobre preços de cebola no interior do Estado e na Capital, que em ambos os mercados e em particular no da Capital, os preços em 1961 evoluíram a partir de janeiro, confirmaram a depressão em maio, mas somente em novembro alcançaram o seu máximo, retardando-o, portanto. Isso se deu devido ao término das safras do Estado de S. Paulo e de Minas

Gerais. A entrada da safra gaúcha a êsse tempo determinou a queda do mercado que entrou em declínio a partir de dezembro.

O ano de 1962 começou com preços em janeiro inferiores aos de dezembro, pois as lavouras gaúchas fortemente atacadas pela doença "cachorro quente" ou "mal de sete voltas" tiveram um produto de má qualidade no início da safra, colhido prematuramente e por isso mesmo comercializado às pressas pelo receio de prejuízo. Não só a lavoura como o comércio intermediário procurava se desfazer do produto, o que determinou a referida queda dos preços em dezembro e janeiro, embora fôsem praticamente os únicos fornecedores, pois no Estado, a "canária" já havia terminado desde novembro e a "pêra" estava no fim.

Com a diminuição da incidência da doença em fevereiro, nas lavouras, melhorou a qualidade e o mercado em São Paulo para o produto gaúcho começou a reagir. Concorreu para isso o fato dos produtores te-

rem vendido o produto afetado pela doença e guardado todo o que suportava estocagem. Essa moléstia refletiu-se na produção de sementes certificadas naquele Estado que caiu a menos 50%, no volume. O mercado paulista não só na Capital como no interior, esteve na dependência do produto sulino durante março e abril; nos últimos dias de abril chegaram os primeiros caminhões com o produto do Vale do São Francisco, mas em pequeno número, não tiveram expressão no mercado. Em maio aumentaram essas entradas e também começou a aparecer no mercado a "soqueira" do Estado, fato auspicioso, já que começavam a diminuir os suprimentos gaúchos, o que confirmou as nossas observações citadas.

Em junho os preços alcançaram o máximo, acontecendo o inverso do ano anterior, isto é, antecipando-se ao normalmente observado, pois as entradas do norte *diminuíram* sensivelmente devido às *chuvas torrenciais* ocorridas naquela região e que também *depreciaram* bastante o produto. Nesse mês de preços máximos, tivemos no nosso mercado a presença de produto argentino e paraguaio que entrava clandestinamente no país, através da Foz do Iguaçu.

A entrada na segunda quinzena de julho do produto de fontes produtoras do Estado, como São José do Rio Pardo e Monte Alto, determinou a queda do mercado que passou a "frouxo". Em agosto começou Casa Branca a contribuir para o abastecimento. O mercado

frouxo com os preços em franco declínio, fizeram o produto do Norte retrair-se progressivamente a partir de setembro.

Em outubro, de todas as partes recebíamos o produto: de São José do Rio Pardo, Bragança Paulista, Itararé, Piedade, Monte Alto, Sorocaba, Guapiara, Pilar do Sul, Capão Bonito no Estado e de Extrema e Ubá em Minas Gerais.

O afluxo do produto ao mercado paulista, pode-se afirmar que foi *sem precedentes*, determinando os preços que podemos chamar aviltantes para o produtor se considerarmos que o preço da semente plantada foi em média Cr\$ 8 000,00, tendo havido até quem comprasse a Cr\$ 12 000,00 por kg tal a demanda havida. O produto gaúcho habitual no nosso mercado começou a ser colhido na segunda quinzena de novembro mas teve de permanecer ausente até fins de dezembro, pois sua comercialização era impossível aqui aos preços vigentes, vistas ao preço de Cr\$ 10,00 por kg exigido pelo produtor sulino. Tivemos assim em 1962 o normal: preço *mínimo* no mês de *dezembro*.

Convém lembrar que a COAP esteve em maio com portaria pronta, que felizmente não baixou, tabelando a cebola em Cr\$ 200,00 por kg. O que vimos já em julho foi o declínio dos preços caindo progressivamente até dezembro, mostrando que a produção é que faz o mercado, sem necessidade de tabelamentos que criam situações artificiais como as observadas em 1961 com o feijão e com o arroz. Os pre-

ços estiveram tão baixos em dezembro sem nenhuma proteção aos produtores, que o que devemos temer é o seu desinte-

rêsse por êsse plantio nas futuras safras, o que trará novas anormalidades no mercado dêsse produto.

Cotações médias mensais da cebola no Estado de São Paulo
Cruzeiros saca 45 quilos

Anos meses	No Interior	Na Capital			
		Pêra do Estado	Canária de São Paulo	Do Rio Grande Sul	Canária de Pernambuco
1961					
Janeiro	160	628	—	770	—
Fevereiro	201	684	—	778	—
Março	256	706	—	895	—
Abril	290	908	—	985	—
Maió	286	705	605	967	—
Junho	300	890	—	967	—
Julho	351	1 016	—	1 057	1 035
Agôsto	375	1 007	911	1 035	945
Setembro	339	1 050	800	—	873
Outubro	570	1 856	1 647	—	—
Novembro	598	2 164	1 950	2 205	—
Dezembro	655	2 011	—	1 980	—
1962					
Janeiro	573	1 862	—	1 984	—
Fevereiro	756	2 030	—	2 290	—
Março	1 300	—	—	4 041	—
Abril	1 470	—	—	4 968	—
Maió	1 990	—	5 763	6 637	5 445
Junho	2 280	—	6 037	6 849	6 250
Julho	1 670	4 637	3 750	—	5 400
Agôsto	1 370	—	3 427	—	4 369
Setembro	738	—	1 504	—	1 818
Outubro	430	1 270	1 133	—	1 291
Novembro	321	924	—	—	954
Dezembro	236	766	—	—	855

FONTES: Para o interior — Divisão de Economia Rural. Para a Capital — Bôlsa de Cereais de São Paulo.